

Rato elogia economia brasileira e prevê alta de 4% para o PIB

Reuters/Jamil Bittar

KARLA CORREIA E SILMARA COSSOLINO**BRASÍLIA**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva levou o Fundo Monetário Internacional (FMI) para o palanque da reeleição durante o primeiro encontro que teve com o diretor-gerente do fundo, Rodrigo de Rato, após a antecipação do pagamento da dívida brasileira com o organismo. Lula reforçou a intenção do governo de ampliar os investimentos públicos em 2006, sobretudo nas áreas de infra-estrutura e educação. E insistiu que não haverá nenhuma influência do período eleitoral na condução da economia.

“No que depender de mim e do governo, o cenário econômico e financeiro deste ano eleitoral será muito diferente daquele de 2002. Como já reafirmei inúmeras vezes, não permitirei que interesses eleitorais comprometam nossa estabilidade financeira.”

No mês passado, o governo antecipou o pagamento da dívida de US\$ 15,57 bilhões contraída com o FMI em 2002, que venceria até o final de 2007. A estimativa do governo é que o país irá economizar US\$ 900 milhões só em juros com a quitação do débito. O governo também anunciou o pagamento de uma dívida de US\$ 2,6 bilhões com o Clube de Paris, até o final deste mês.

Os louros sobre a quitação da dívida com o FMI caíram sobre o ministro da Fazenda, Antonio Palocci. E este capitalizou o momento fazendo uma defesa de sua política econômica, ao creditar o feito ao que considera ser a recuperação da economia brasileira sob a política econômica marcada pela tríade do arrocho fiscal, câmbio flutuante e combate à inflação. O ministro aproveitou também para enfatizar a interpretação do governo de que a estabilidade macroeconômica teria possibilitado a melhora dos indicadores sociais. “O processo de ajuste permitiu um aumento do emprego formal e a recuperação da renda média dos trabalhadores”, disse o ministro.

**Lula e Rato celebram acordo**

A condução da economia brasileira também foi elogiada por Rato, que lembrou a crise enfrentada pelo país durante o período de transição entre os governos FHC e Lula para citar os avanços na economia brasileira.

“Tirando o máximo proveito da conjuntura econômica mundial razoavelmente favorável, o Brasil logrou melhorar de forma expressiva sua posição externa, o que ajudou a reduzir o risco Brasil a um nível jamais alcançado”, elogiou Rato. O diretor-gerente do FMI só não ratificou o otimismo de Palocci quanto à expectativa de crescimento do país neste ano. O ministro da Fazenda aposta que depois de ter registrado uma das menores taxas de crescimento da América Latina em 2005 – as projeções apontam para 2,5% –, o Brasil vai se recuperar em 2006 e poderá chegar a 5%. Mais modesta, a previsão de Rato ficou nos 4%.

Palocci ainda salientou a necessidade de que as votações de leis importantes para o cenário econômico no Congresso, como a Lei Geral da Microempresa e a Super-Receita, não sejam prejudicadas por conta das tensões do período eleitoral. “Neste ano eleitoral, é importante que as diferentes forças políticas que estarão disputando espaços legítimos nos pleitos de outubro, tenham consciência de que o país não pode parar e de que as reformas devem continuar”, disse.